



A EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA E DO PENSAMENTO MILITAR

Sergio Kencis Mold

INTRODUÇÃO

Para um melhor entendimento da evolução da arte da guerra e do pensamento militar, limitados ao período entre as 1ª e 2ª Guerras Mundiais, e os seus reflexos nas forças terrestres brasileiras, carece, primeiramente, uma explanação cuidadosa desses parâmetros que irão nortear todo o nosso trabalho.

Não temos a pretensão de reescrever a História, inovar conceitos filosófico-doutrinários ou buscar originalidade naquilo que, ao longo do século, já foi escrito, analisado, sobejamente explorado por tantas sumidades e que é imutável. Objetivamos tão somente, calçados na alentada obra e concepções de chefes militares, pensadores, filósofos, estadistas e historia-

dores, extrair conceitos e evocá-los, deixando os meandros da análise mais profunda e conclusiva, à inteligência e sábia cultura de nossos leitores.

Assim, passemos às definições e breves considerações sobre os parâmetros que buscamos ressaltar.

O vocábulo guerra, visto isoladamente, tem a significação de luta, hostilidade, belicosidade, desinteligência, enfim, sugere a confrontação pura e simples. Todavia, pelo seu conteúdo, amplitude, conseqüências e presença em todo o ciclo evolutivo antropológico, não é, não deve e nem pode ser considerado à parte do seu agregado político-social.

"A guerra é apenas a continuação da política do Estado por outros meios" (Clausewitz).

“A guerra é um conflito prolongado entre grupos políticos rivais através da força das armas” (Montgomery).

Baseados em tais assertivas, vemos que a guerra não é uma questão privativa dos militares e que, ao longo da história, tem afetado a vida civil, a indústria e os governos, nas guerras entre Estados.

A guerra está, pois, intimamente ligada à política, sendo considerada arte, a partir do momento em que os chefes imprimem ao ato bélico a marca de sua genialidade e, guindada à ciência, ao evidenciar-se pela experiência do passado, que tal ato está vinculado a determinadas leis ou princípios que não podem ser violados impunemente.

Portanto, a arte da guerra diz respeito a todos os eventos da guerra encarados como fenômeno social, englobando:

- a concepção geral de guerra, onde são estabelecidos os objetivos políticos;

- a estratégia, que é a arte de distribuir e aplicar os meios, ou seja, a arte de conduzir a guerra;

- a tática, que consiste na disposição e controle das técnicas e forças militares na luta, isto é, a arte de combater;

- os chefes, que exercerão a ciência e a arte do comando, ou seja, aliando os conhecimentos doutrinários (ciência) à prática inteligente e adequada (arte);

- o combatente, matéria-prima dos exércitos;

- a organização militar;

- o material bélico;

- os processos de combate.

O outro parâmetro — pensamento militar — significa como o chefe vê a guerra. Abrange a Concepção Militar de Guerra, a Concepção das Operações e os Princípios de Guerra estabelecidos que irão gerar uma Estratégia Militar e Operacional em determinado período ou fase, representando a maneira mais característica dos chefes militares encararem a preparação e execução da guerra.

Da abordagem dessas variáveis no período considerado, buscaremos extrair as influências na doutrina militar mundial e seus reflexos nas forças terrestres brasileiras.

DESENVOLVIMENTO

A 1ª Guerra Mundial

Concepção Geral da Guerra

“O mais sangrento conflito da história” (Mar Montgomery) ou “a guerra para acabar com todas as guerras”, na concepção dos estadistas da época, a 1ª Guerra Mundial extrapolou as querelas européias, envolvendo, praticamente, todos os continentes.

Teoricamente, a doutrina militar dos principais contendores — Alemanha e França — era semelhante para a condução da guerra. Concebiam uma guerra de movimento, apoiada em eixos ferroviários que possibilitariam a concentração, deslocamento e reunião dos exércitos para uma batalha decisiva, o complemento do planejamento estratégico. E, sob esse aspecto, os Impérios Centrais leva-

vam uma nítida vantagem face sua posição geo-estratégica, permitindo o manobrar em linhas interiores com grande sucesso.

A organização militar dos exércitos europeus também era similar e, em muito pouco, diferia da organização assentada após a Guerra Franco-Prussiana de 1870, com Corpos de Exército e Divisões, sendo básica a Divisão de Infantaria. Os efetivos, fruto da conscrição militar universal, alcançaram cifras elevadas, empenhando e enquadrando a quase totalidade dos homens válidos das nações beligerantes.

A revolução industrial proporcionara extraordinário desenvolvimento econômico¹ e conseqüente desenvolvimento na indústria bélica.

O material e armamento à disposição dos exércitos era o mais abundante, sofisticada e potente para os padrões da época. Carecia, entretanto, para a sua utilização e emprego, de um treinamento e instrução mais aprimorados. Os oficiais tinham o preparo acurado, em escolas de formação, adquirindo um alto grau de profissionalização.

Os melhores serviços de Estado-Maior eram os da França e Alemanha; o da Austria, orientado pelo alemão, não tinha a mesma eficiência. De menor expressão eram o da Grã-Bretanha, por não possuir experiência e prática em operações de grande vulto, e o da Rússia, de fraca qualidade, tendo em vista os viciosos métodos de ascensão na hierarquia militar czarista.

A Estratégia Militar e Operacional

A 1ª Guerra Mundial muito deixou a desejar em matéria de brilhantes concepções ou execuções. O genial planejamento napoleônico do século anterior, a ação audaz na busca dos flancos inimigos, a prática inteligente e adequada, foram definitivamente abandonadas e só iriam reaparecer quase três décadas após.

Impregnada das idéias do marechal francês Foch, a filosofia dominante era a ofensiva. "Fazer a guerra significa sempre atacar", dizia o marechal. Quaisquer que fossem as circunstâncias, o correto era atacar, sendo esta a única resposta dos generais à grande força dada à defensiva pelas metralhadoras, arame farpado, trincheiras e artilharia. Planos elaborados por escrito não os havia, exceto o do EM alemão — Plano Schlieffen — que primava pela audácia napoleônica de sua concepção, mas anacrônico ante às necessidades logísticas do período em questão.

Dizia o general francês Joffre em 1914: "nunca houve um plano de operações elaborado por escrito... não adotei nenhuma idéia preconcebida que não fôsse a firme determinação de tomar a ofensiva com todas as minhas forças".

A ação direta foi uma constante, materializada em cerradas formações de infantaria apoiadas por artilharia, que avançavam pela terra de ninguém trocando um restrito espaço por elevadas perdas humanas. A estabilização das frentes tornou-se quase que permanen-

te, e, salvo alguns sucessos locais sem a exploração conveniente, determinou o imobilismo da grande massa dos exércitos no principal Teatro de Operações, o da Europa Ocidental.

Tornada uma verdadeira guerra de sítio, pela organização do terreno em extensão e profundidade, cobrou pesado tributo em perdas humanas e materiais.

Foi vencido pelos aliados porque os Impérios Centrais não mais acreditavam na vitória. Foi uma guerra perdida no coração dos chefes e não no campo de batalha!

Conseqüências da 1ª Guerra Mundial para a Doutrina Militar

— O conflito estabeleceu e comprovou um novo conceito, o do caráter total e global das guerras modernas, envolvendo todas as frentes, inclusive econômicas, diplomáticas e de forças morais.

— Aos anteriores Teatros de Operações bi-dimensionais (terrestres e marítimos) é acrescida a dimensão aérea, não mais estática, como a aerostação da guerra Hispano-Americana (1898) e os primeiros ensaios do mais leve que o ar na guerra Ítalo-Turca (1911-12).

— Confirmou-se a preponderância dos Fatores Econômicos na guerra.²

— Aparecimento dos carros de combate como elemento de decisão e choque para a ruptura.

— Emprego em massa da Guerra Química, particularmente os gases de combate.

— Surgimento dos lança-chamas e da Guerra Bacteriológica.³

— Surgimento da tática de infiltração e conseqüente ênfase ao emprego de frações menores, o grupo de combate (GC).

— Importância das metralhadoras, granadas de mão e das redes de arame farpado, valorizando sobremaneira o valor defensivo do terreno.

— Afirmação da Aeronáutica, já como Arma combatente, em missões de caça e bombardeio, além da ampliação da tradicional missão de reconhecimento.

Contribuição para a Evolução da Arte da Guerra e do Pensamento Militar

Ao término da guerra de 1918, profundas e irreversíveis modificações processaram-se no contexto mundial. Vencidos e vencedores, exauridos em perdas humanas e materiais, careceram de grandes esforços e sacrifícios para sua recuperação (Anexos A e B).

À característica de totalidade da conflagração somar-se-ia o aspecto do internacionalismo face à interdependência entre os países, proporcionando os alinhamentos e políticas em bloco ante interesses comuns. Os ressentimentos criados por uma paz estabelecida em bases inconsistentes, o incremento das revoluções sociais, as profundas modificações em todos os campos do poder intra e internacionais, iriam acalentar os germes de novos conflitos, envolvendo direta ou indiretamente diversas potências.

O progresso científico-industrial preexistente, incrementado pelo conflito, alterou sobremaneira a morfologia da guerra.

"Onde quer que eclodisse, interessava o mundo inteiro mais ou menos intensamente enquanto que no âmbito nacional peculiar aos contendores, não se limitava mais ao embate entre forças militares propriamente ditas" (J.B. Magalhães — *Civilização, Guerra e Chefes Militares*).

As ações bélicas eram perpetradas pelos exércitos, porém apoiadas numa infra-estrutura baseada na capacidade de produção e no poder criador de novos recursos. Da capacidade de mobilização dessa infra-estrutura e da frente interna iriam depender os fluxos em recursos humanos e materiais necessários para atender e suprir os exércitos em campanha.

Em resumo, a mobilização nacional passou a ser fator primordial para a conquista e manutenção dos Objetivos Nacionais, surgindo ações bélicas como um corolário natural dos choques de interesses, áreas de influência e políticas conflitantes entre grupos de nações.

A evolução da arte da guerra e do pensamento militar entre beligerantes e neutros foi bastante diversificada, estabelecendo-se, principalmente entre as potências vencedoras, uma postura nitidamente defensiva, cabendo em especial aos derrotados, uma estratégia marcadamente ofensiva.

Esses novos parâmetros, ofensiva X defensiva, deixados à meditação, estudos, ensaios e conclu-

sões de teóricos, práticos, profissionais, políticos, leigos, visionários e opinião pública em geral, iriam nortear as relações internacionais, com profundas consequências no campo militar mundial e trazer reflexos fundamentais às forças terrestres brasileiras.

Participação do Brasil na 1ª Guerra Mundial

Ligado por laços culturais e de amizade à República Francesa, o Brasil que se declarara neutro desde o início do conflito, acompanhava o desenrolar dos acontecimentos com real interesse, sendo a maioria da opinião pública favorável à causa aliada.

A advertência do Senador Rui Barbosa — "É na Europa que estão os campos de batalha, mas o que está em jogo é o destino do mundo" — viria mais uma vez comprovar a globalidade das guerras modernas e que o nosso continente sofreria os reflexos dos conflitos europeus como nos tempos coloniais.

O Brasil, ao declarar-se neutro, olvidara um axioma básico da História Militar, qual seja, de que os neutros devem ter condições de manter sua neutralidade!

Tais condições não as havia e o nosso poder militar, à época, não possuía o menor realce diante das expressões do poder militar dos beligerantes. A Força Terrestre, no primeiro quartel da República, ainda sofria pressão do Legislativo, herdada do Império, sendo mantida em níveis mínimos de sobrevi-

vência como organização e expressão de poder.⁴

Envolvido indiretamente na conflagração, quando alguns portos dos estados sulinos foram utilizados como bases clandestinas para navios de guerra alemães,⁵ acabou nosso país engolfado nos meandros da guerra, em 1917, quando a indiscriminada campanha submarina germânica afundou diversos mercantes brasileiros navegando em águas internacionais.

O Brasil reconheceu e declarou, em 16 de outubro de 1917, o estado de guerra iniciado pelos Impérios Centrais, em flagrante desrespeito à neutralidade brasileira.

Em decorrência deste ato, os portos nacionais foram abertos aos navios aliados e a Marinha do Brasil participou do patrulhamento do Atlântico Sul através de uma Divisão Naval de Operações de Guerra (D.N.O.G.).

Para o Teatro de Operações da Europa foi enviado um grupo de oito aviadores do Corpo de Aviação Naval e um Tenente da Aviação do Exército, adidos à Real Força Aérea Inglesa, bem como uma numerosa missão médica composta de cirurgiões civis e oficiais de ligação junto ao Exército Francês.

A modesta participação do Brasil embreando com os aliados e em especial, com a França na guerra de 1914-1918, granjeou o reconhecimento gaulês,⁶ solidificou a amizade franco-brasileira e alicerçou as bases para as gestões destinadas ao contrato de uma missão militar destinada a modernizar o nosso

Exército, arrancando-o do arcaísmo da República Velha.

PERÍODO ENTRE AS DUAS GUERRAS MUNDIAIS (1919-1939)

Generalidades

O interregno entre as duas Grandes Guerras caracterizou-se por amplas mudanças no quadro político-social internacional, especialmente no europeu, incentivando mudanças fundamentais na esfera de interesses geopolíticos e geoestratégicos. As insatisfações e antagonismos decorrentes da 1ª Guerra Mundial criaram um campo fértil a ideologias, idéias e concepções que modificaram de forma irreversível os destinos da Europa e do mundo como um todo.

Em linhas gerais, esse período de duas décadas de paz armada, entremeada de conflitos limitados como a guerra Russo-Polonesa (1920), a Greco-Turca (1922), as ações do Japão na Manchúria (1931) e China (1933), a invasão italiana da Abissínia (1935) e a Guerra Civil Espanhola (1936), serviu de laboratório para testar os modelos e princípios para novos engenhos da arte bélica e teorias preconizadas.

Serviu também para um novo realinhamento no quadro de forças em confronto, permitindo, pela tibieza dos vencedores, que a Alemanha ocupasse, paulatinamente, os espaços necessários à sua estratégia que acabaria por envolver o mundo numa hecatombe de trágicas consequências.

Concepção Geral da Guerra

No mundo ocidental predominaram concepções anteriores a 1ª Guerra Mundial, continuando em foco as idéias de Clausewitz. As guerras seriam uma continuação da política objetivando conquistar fontes de matérias-primas, mercados e zonas geográficas importantes.

Conduzidas pelas Forças Armadas, buscaríamos a consecução da vitória ao destruir as Forças Armadas inimigas ou sua vontade de lutar. O Estado vencido cederia ao vencedor, mantendo, todavia sua soberania e estrutura do poder.

Outras concepções foram adotadas, especialmente na Alemanha e Rússia. A guerra total e a guerra psicológica foram ensaiadas pelos nazistas durante a Guerra Civil na Espanha, enquanto que a guerra ideológica adotada pelos comunistas, também uma forma de guerra total, visava sobretudo o homem.

Ambas as concepções levavam, naturalmente, à destruição dos vencidos, anexação dos territórios e completa subserviência aos vencedores.

Estratégia Predominante

No mundo ocidental, a estratégia predominante era a direta de Clausewitz, semelhante à dos comunistas. Entre os alemães, a predominância da ação indireta era a constante da sua estratégia, fruto da experiência adquirida na Espanha e técnicas de guerra utilizadas por Gengis-Cã.⁷

Os movimentos frontais seriam apenas um blefe, cabendo a ação

principal aos movimentos desencadeados da retaguarda e flancos.

Organização Militar e Armamento

Enquanto que nos principais países vencedores, França, Grã-Bretanha e EUA, houve uma inversão de idéias quanto à atitude ofensiva adotada na 1ª Guerra Mundial, na Alemanha, Itália, Rússia e Japão, países que necessitavam da guerra para consecução de seus objetivos nacionais imediatos, a tendência predominante foi a ofensiva.

O rearmamento mundial tomou o seu curso de forma acelerada, especialmente em função da produção em massa, alicerçada no parque industrial norte-americano e na prodigiosa recuperação alemã do após-guerra. Nas demais potências, Grã-Bretanha, França, Itália e Japão, dependendo de matérias-primas, o desenvolvimento foi mais modesto, embora considerável.

O dilema defensiva X ofensiva, condicionando as tendências nacionais, iria influir acentuadamente na organização militar das potências em questão. Desde 1918, o único país além da Alemanha, que adotou as novas idéias sobre a condução da guerra, foi a Rússia, onde os carros de combate e tropas aerotransportadas eram extremamente valorizados.

Os países potencialmente agressores, particularmente a Alemanha, consideraram acertadamente as possibilidades de emprego de formações mais flexíveis e mano-

breiras, à base de formações blindadas, apoiadas pela aviação como artilharia, operando com longo raio de ação à frente do grosso dos exércitos.

Os líderes germânicos haviam interpretado com muita propriedade os ensinamentos do conflito anterior e as potencialidades que a industrialização oferecia à modernização do material bélico. Os testes concretizados no terreno hispânico comprovavam a sua viabilidade.

França e Grã-Bretanha pouco evoluíram, e, quando o fizeram, foram devidamente penalizadas pelo despreparo bélico e pacifismo exagerado que dominava a opinião pública. A França entrincheirou-se por detrás da Linha Maginot (Anexo C), formidável, estática e anacrônica linha de fortificações para uma guerra que se afigurava como dinâmica, baseada na moto-mecanização e maciço emprego da aviação.

A Grã-Bretanha, em seu castelo-ilha, apoiado no fosso da Mancha, ainda acreditava no poderio da esquadra e dava ligeira ênfase à aviação de caça, em detrimento da modernização de sua relativamente pequena força terrestre.

Os equipamentos e a instrução militar, em ambos os países ainda estavam em níveis muito baixos em 1939, mercê de um exagerado pacifismo, de uma política conciliatória dos líderes ocidentais, da ótica microscópica dos quadros envelhecidos nas casernas, bem como, de um primoroso trabalho da

diplomacia e propaganda do III Reich.

Evertendo, ameaçando, conciliando e burlando, Hitler, apoiado em eficientes serviços diplomáticos, de espionagem e quinta-coluna,⁸ preparou o terreno para as ações fulminantes, impiedosas e desmoralizantes da "blitzkrieg", que colocaria de joelhos seus adversários nos primórdios da 2ª Guerra Mundial.

O axioma "si vis pacem para bellum" fora esquecido no ocidente e, o preço do despreparo, o pagaram beligerantes e neutros.

Modo de Emprego

Os processos de combate ofensivo, ao término da 1ª Guerra Mundial, sugeriam e indicavam as novas condicionantes a serem observadas:

- surpresa estratégica, obtida através segredo nos preparativos e concentração ameaçando diversos pontos da frente;

- surpresa tática, mediante descrição, rapidez nas ações, preparação de artilharia curta ou suprimida e movimentos noturnos;

- penetração rápida na posição inimiga, profunda, com aproveitamento imediato segundo a linha de menor resistência, emprego de reservas para a exploração do sucesso em vez de remediar insucessos;

- emprego em massa de carros de combate(CC), com penetrações mais independentes da infantaria;

- cooperação da aviação com as forças de terra.

Perduravam, todavia, algumas servidões que somente seriam superadas alguns anos mais tarde, tais como:

- o condicionamento às ferrovias, tornando difícil a surpresa;
- meios de comunicação inadequados, sendo o telégrafo e esta-fetas, os principais;
- relativa falta de mobilidade tática e estratégica;
- a enorme tonelagem de munições exigidas pelo fogo de artilharia.

A evolução buscada nos processos de combate e adequada utilização dos novos engenhos de guerra, seria testada na Península Ibérica, sedimentando doutrinas e proporcionando aos futuros beligerantes uma ante-visão bastante realista do próximo conflito, especialmente por parte da Alemanha.

Os aspectos mais importantes da moderna forma de emprego foram:

- moto-mecanização generalizada;
- participação ativa e integrada da aviação no campo de batalha;
- otimização do apoio de fogo à infantaria, com o surgimento dos observadores avançados (OA) de artilharia;
- o emprego dos combinados infantaria-carro de combate (Inf-CC), apresentavam uma solução aos problemas para as ações mais independentes;
- transporte da infantaria nos CC, especialmente para ações de aproveitamento do êxito;
- tendência para o emprego de formações emassadas de CC;

— noção de defesa anti-carro (DAC) pelo emprego de armas anti-carro (AC) e aviação;

— ações mais independentes da infantaria, com formações menores e melhores dotadas de armas automáticas e morteiros;

— ressurgimento da cavalaria no campo de batalha, modernizada pela moto-mecanização, cumprindo com maior desenvoltura suas clássicas missões de reconhecimento, exploração e segurança;

— utilização da guerra psicológica, bem estruturada e visando objetivos imediatos, sendo o aspecto de maior destaque as ações de 5ª coluna.⁹

As novas táticas ofensivas e defensivas, cuja preparação os alemães deram ênfase e que comprovaram sua eficácia nos primórdios da 2ª Guerra Mundial, foram:

— o processo do “SCHWER-PUNKT”, que significava seguir a linha de menor resistência, obtendo a superioridade local no campo de batalha;

— o processo de “AUFROLLEN”, que visava obter a ruptura num ponto da frente e o envolvimento interior das alas inimigas nos flancos da ruptura;

— emprego do combinado CC-Aviação, espinha dorsal da “blitzkrieg”;

— emprego de armas anti-carro na DAC; facilitado pela versatilidade das novas peças de artilharia;

— largo uso do rádio como arma do comando;

— emprego das localidades como Centros de Resistência ou Pontos Fortes.

EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA

Concepção Geral da Guerra

A arte da guerra, no interregno entre os dois conflitos mundiais, apresentou profundos e irreversíveis alterações no seu processo evolutivo. Os armamentos leves, como o fuzil-metralhador (FM), a metralhadora de mão e granadas, os novos meios de artilharia e comunicações, os engenhos blindados e o redimensionamento da aviação, introduzidos no campo de batalha, iriam induzir a novas organizações, formações e processos de combate.

A adoção dessas novas alternativas seria fortemente condicionada pelos objetivos políticos das principais potências da época, coerente com suas concepções gerais da guerra.

A França, após a "Vitória de Pirro" de 1918, e que sofrera as maiores perdas proporcionais em recursos humanos e materiais no conflito, ficara obcecada pela segurança dentro de suas fronteiras. Os objetivos políticos eram limitados a manutenção da base física e busca do equilíbrio de poder no continente, ante uma Alemanha ressurgente, armada e belicosa.

A Grã-Bretanha, superada em sua posição de liderança mundial após a conflagração, retraiu-se do cenário político europeu, mantendo uma postura isolacionista. Seus objetivos resumiam-se em manter o laurel de primeira potência naval mundial e uma diplomacia pendular, habilmente conduzida, evitan-

do que uma potência terrestre assumisse a liderança na Europa continental.

Os Estados Unidos, guindado a situação de liderança mundial, após 1918, manteve o seu isolacionismo, por aversão histórica à complicada política européia, buscando manter apenas relações comerciais com o continente. Seus objetivos políticos eram a manutenção de sua situação de grande potência, a paz mundial e a proteção dos grandes interesses econômicos em vários continentes; mantinha uma postura oficialmente neutralista em relação aos antagonismos crescentes no Velho Mundo.

O Japão, industrializado, ocidentalizado e elevado ao papel de potência militar de primeira grandeza, desde os primórdios do Século XX estabeleceu seus objetivos políticos num expansionismo desenfreado, visando a criação de uma "Grande Ásia Oriental", sob sua tutela.

A Rússia, combalida e isolada pelas potências ocidentais após a revolução bolchevista, fixou seus objetivos políticos na manutenção e ampliação da base física, bem como, na disseminação da Revolução Comunista Mundial.

A Alemanha, vencida mas não convencida da derrota em 1918, desorganizada política, econômica e socialmente, iria projetar seus interesses políticos no soerguimento nacional e revanchismo contra as potências ocidentais. Sob a égide do nazismo de Hitler e empunhando as bandeiras do nacionalismo, da reação ao Tra-

tado de Versalhes, da destinação histórica do povo alemão, da teoria racial, do anti-semitismo e anti-comunismo, objetivava colocar o mundo sob o tãçõ germânico, unificando-o, eliminando as causas das guerras, erradicando o bolchevismo e capitalismo, bem como, garantindo o denominado "espaço vital" para o povo eleito, a raça de super-homens do "Reich de 1.000 anos".¹⁰

A Estratégia

A estratégia anglo-francesa era puramente defensiva, sofrendo uma involução no período considerado. A França baseou sua estratégia na construção da Linha Maginot, uma série de gigantescas fortificações nas fronteiras norte e nordeste, da Basiléia a Montmédy, sendo esta, uma extremidade apoiada no vácuo, e portanto, passível de ser flanqueada. Tecnicamente a obra era quase inexpugnável à época do início da construção, porém mostrou-se antiquada ante a evolução dos armamentos e técnicas da guerra moderna ao fim do período.

A estratégia inglesa ainda permaneceu mais atrasada do que a gaulesa. Insulados por detrás da sua Linha Maginot oceânica, permaneceram em estado de hibernação por duas décadas.

O EM britânico acreditava que, em um novo conflito continental repetir-se-ia a primeira fase da Grande Guerra, e portanto, com tempo suficiente para emprego da esquadra, forças terrestres e aviação estratégica.

A estratégia da Alemanha era essencialmente ofensiva, coerente com sua concepção geral de guerra necessária à política expansionista. Baseava-se numa guerra total, rápida e fulminante, com amplos e profundos movimentos, valendo-se do emprego da aviação, blindados e transportes motorizados.

A concepção estratégica do Japão, essencialmente ofensiva, baseava-se também numa guerra total, assentada no desempenho de sua potente força aero-naval e de um exército fanatizado. Buscava ampliar sua esfera de influência na Ásia Oriental em detrimento dos impérios coloniais da França e Inglaterra, bem como, colidindo com zonas de influência russas e estado-unidenses.

A estratégia dos EUA baseava-se na manutenção de seu "status" de potência mundial, confiante no poderio aero-naval e demais recursos a serem mobilizados pelo seu imenso parque industrial, embora o neutralismo e pacifismo fossem as palavras de ordem para a nação.

A Rússia desenvolvia uma estratégia de tabuleiro de xadrez, digna da tradicional filosofia eslava de paciência e fatalismo. Era defensiva na teoria mas ofensiva na oportunidade que se afigurasse, ante vizinhos mais fracos ou isolados como a Finlândia e, posteriormente, quase todos os territórios e nações que "libertou". Aproveitava algumas experiências alemãs no que se refere a blindados e aviação tática, porém ainda se baseava, principalmente, nos imensos recursos humanos dispo-

níveis e condições de solo-clima-distâncias para desencorajar inimigos em potencial.

Assim, vemos que persistia o dilema OFENSIVA X DEFENSIVA, estabelecendo-se um determinismo das estratégias nacionais, aqui abordadas de forma bastante superficial e sucinta.

A Alemanha foi, praticamente, o único país que evoluiu no período, aproveitando as potencialidades oferecidas pelos novos meios postos à disposição dos exércitos, desenvolvendo uma estratégia agressiva e envolvente que assombraria o mundo na fase inicial da 2.^a Guerra Mundial.

A Tática e os Processos de Combate

A tática, ou arte de combater, estagnou-se no período considerado, e, com exceção da concepção germânica, permaneceu dentro dos padrões da 1.^a Guerra Mundial. Os alemães, liderados por um ditador megalômano que subordinou os objetivos políticos aos militares, adotaram métodos atualizados e revisaram antigos processos, adaptando-os para as atividades bélicas que seriam o epílogo inarredável à sua marcha expansionista. Assim, deram ênfase a uma tática agressiva e manobreira, baseada na surpresa e fundamentada nos princípios de infiltração.

Era a "Blitzkrieg" (Anexo D), nada mais do que o emprego tático do combinado CC-avião, surpresa quanto a direção e oportunidade do golpe, bem como, penetração e exploração profundas,

executadas por potentes forças blindadas lançadas à frente do grosso dos exércitos e operando independentemente.

Os processos de combate ofensivo, síntese do repertório de idéias que os alemães já haviam testado na Espanha em 1936, baseavam-se nos seguintes pontos:

- táticas de infiltração de LUNDENDORF;
- teoria de "SCHWERPUNKT";
- teoria de "AUFROLLEN";
- realização de penetrações estratégicas profundas a cargo das GU blindadas;
- emprego dos blindados emassados, organizados em Corpos e Divisões Blindadas;
- cooperação da aviação com as forças terrestres, especialmente blindados;
- largo emprego da radiofonia;
- emprego de forças aero-terrestres;
- emprego sistemático da 5.^a

Coluna e guerra psicológica em escala inédita.

Os Chefes

"Todas as leis e teorias militares que participem da natureza de princípios constituem a experiência de guerras passadas, acumulada pelas pessoas em tempos passados e nos nossos próprios. Devemos estudar seriamente tais lições, pagas com sangue, e que são a herança das guerras passadas. Este é um aspecto. Porém há outro.

Temos de submeter estas conclusões à prova de nossa própria experiência, assimilando o que seja útil, recusando o que seja inútil e

incorporando o que seja especificamente nosso. Este último é muito importante, porque de outro modo não poderemos dirigir uma guerra. Ler é aprender, porém aplicá-lo é também aprender e, definitivamente, a classe mais importante de aprendizagem". (Mao-Tse-Tung).

Os Chefes, à testa das formações militares neste interregno, em sua maioria, esqueceram ou simplesmente ignoraram esses princípios fundamentais da Arte da Guerra. O estudo da guerra (ciência) seguido sempre que possível da aplicação inteligente e adequada no campo de batalha (arte), ou, na pior hipótese, em exercícios no terreno, salvo honrosas exceções, não foram observados.

Em sua quase totalidade, e em especial, o Alto Comando francês, viviam de glórias passadas, desprezando as novas idéias, as modernas técnicas e os comportamentos inovadores.¹¹ Estudiosos e teóricos como Liddel Hart, Fuller, De Gaulle, Estienne, Mitchell e outros, tiveram o seu pensamento criativo abafado ou desprezado.

Os alemães pensaram de forma diferente e seu EM, de alta competência e senso profissional soube aproveitar e aplicar as idéias nacionais e estrangeiras, em especial, de Guderian e Von Rundstedt.

A partir da ascensão de Hitler, em 1932, iriam colher os frutos de sua clarividência, transformando o Exército de Quadros numa formidável máquina militar de 1ª ordem.

O Combatente, a Organização Militar e o Material Bélico

Entre as mais expressivas potências prevaleceu a ortodoxia militar, em detrimento da criatividade inteligente. Como decorrência, situação análoga sucedeu-se à organização militar, ao material bélico e preparo dos combatentes, evidenciando-se como exceções o Japão e, principalmente, Alemanha.

A ineficiência dos exércitos, particularmente franco-britânicos, era grande, causada pela deficiência intelectual e recursos humanos de baixo nível. Mais da metade dos soldados tinha idade superior a 25 anos, os índices de saúde e aptidão física eram muito baixos. A faixa etária de coronéis e generais era bastante elevada e o estado físico, deficiente. Praças e oficiais executavam passivamente atividades rotineiras. Os CC, pesados e pouco manobreados, eram considerados como auxiliares da infantaria e, como tal, previsto o seu emprego.

A artilharia, embora numerosa, ainda era hipo-móvel e, portanto, inapta para as velocidades de deslocamento necessárias para apoio ao moderno combate, a aviação, pouco explorada. Em contrapartida, os exércitos germânicos servem como modelo das transformações necessárias ao produto final, forjado pelas concepções lúcidas de chefes evoluídos, embora as finalidades fossem de moralidade duvidosa.

A conscrição universal, uma instrução para-militar no melhor esti-

lo espartano e uma criteriosa seleção, propiciavam incorporar às fileiras uma elite de guerreiros fanatizados e rigorosamente adestrados às atualizadas e inovadoras táticas de combate.

A organização militar utilizando processos mais evoluídos e variados, necessitava de formações e composições mais aptas ao desempenho veloz e flexível solicitado. Assim, surgirão no período, os agrupamentos-táticos (GT), pelo agrupamento de tropas de várias Armas, em escalão inferior ao divisionário, contando com adequado apoio logístico para cumprimento de determinada finalidade tática.

A artilharia auto-propulsada ou auto-rebocada, a versatilidade do material de campanha, a par de outras inovações já destacadas, dariam aos tedescos uma vantagem marcante e enfatizar a evolução no período.

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO MILITAR

Diametralmente opostas, duas linhas do pensamento militar marcaram o processo evolutivo na fase em questão. Após cinco anos de conflagração, de massacres e dissipação da riqueza nacional, não seria lícito esperar que as nações viessem a gastar muito na reformulação do equipamento militar.

Inglaterra, França e Estados Unidos, principais expressões da coligação vitoriosa, fortemente impregnados pro anseios pacifistas, iriam buscar a compatibilização das despesas com as necessidades requeridas à administração e defe-

sa dos seus impérios coloniais. Os EUA, mais voltados ao Pacífico e a Inglaterra enviando suas melhores unidades para as longínquas fronteiras indo-egípcias, iriam deixar o peso do controle europeu à França. Esta, tendo de dividir esforços para policiar as colônias e manter dominância sobre a Alemanha, destinaria maior parcela de seus recursos financeiros aos ministérios militares do que os demais países ocidentais.

A Alemanha derrotada, alimentando idéias revanchistas, iria rever conceitos e doutrinas, buscando, na mobilização de suas potencialidades, alçar-se novamente a condição de potência mundial.

O Japão, potência emergente na Ásia Oriental, tendo os seus interesses expansionistas delimitados pelos anglo-franco-americanos principalmente, seria outra nação a optar pela solução bélica para os seus problemas.

Finalmente a Rússia, às voltas com a consolidação interna da sua revolução, engolfando-se em sangrentos expurgos que dizimaram a cúpula de suas Forças Armadas, buscaria sua sobrevivência através de pragmática política exterior e conveniente pacifismo intra-fronteiras.

Assim, em linhas gerais, vemos o intervalo de paz armada dessas duas décadas, nitidamente delimitado pelas correntes antagônicas que irão definir a estratégia militar e operacional em vigor. E, mais uma vez, enfatizamos o dilema proposto aos estrategistas da época: DEFENSIVA X OFENSIVA!

— De um lado, uma concepção

conservadora e imobilista, baseada em operações de guerra estática e princípios defensivos, gerando uma estratégia militar e operacional retrógrada. A vitória obtida no último conflito fora baseada nas ações da infantaria e ela deveria ser o fator predominante nas futuras ações.

Os CC e artilharia serviriam apenas como apoio e a fortificação linear foi eleita como panacéia para o planejamento, olvidando-se os que a adotaram, quão próximos são os limites entre a atitude cautelosa e o derrotismo. Adotaram-na a maioria dos países ocidentais, particularmente a França,¹² com determinantes reflexos na estratégia militar das forças terrestres brasileiras, instruídas e adestradas dentro da doutrina francesa.

Os militares gauleses, exceto pequeno círculo sem força de persuasão, ignoravam o que se passava no mundo, pautando o pensamento militar nos aforismos em voga:

— "... a força viva do ataque inimigo será absorvida pelo cimento e pela rocha das defesas ...";

— "... com o preço de um CC poderão ser adquiridos vários canhões AC ...";

— "... o solo nacional jamais será invadido ...";

— "... uma guerra jamais será vencida pela aviação ...".

De outro lado, a postura ofensiva adotada especialmente pelos alemães, viria contrapor-se às superadas concepções aliadas, evertendo as teorias institucionalizadas e substituindo-as por revolucionária estratégia militar e operacional.

O pensamento militar alemão, alicerçado no binômio constituído por um EM de grande competência e desenfreada ambição política do Fuhrer, iria enfatizar e, posteriormente, estimular o desenvolvimento de um novo tipo de guerra total, de aceleração e desagregamento. O tríduo aviação-blindados-motorização, perfeitamente explorado pelas legiões arianas, iria constituir a espinha dorsal dessa nova modalidade de guerra que, testada nessa década, iria atingir sua plenitude na seguinte.

REFLEXOS NAS FORÇAS TERRESTRES BRASILEIRAS

Generalidades

As duas primeiras décadas do Século XX iriam encontrar as nossas forças terrestres em estado similar ao dos últimos anos do Império. Letárgica era a instituição, obsoleto o material e descrentes os quadros. As últimas ações bélicas datavam de 1870, nos campos guaranis, e o total abandono a que fora relegado, derrotara o Exército do seu verdadeiro rumo, mantido e apassivado por políticos e dirigentes à condição de milícia.

O positivismo Comteano e o proselitismo de Benjamin Constant influenciaram a juventude militar, pregando a paz universal e induzindo ao pacifismo que desvirtuou o objetivo fundamental das Forças Armadas.

A tropa estiolava-se em modorrentas guarnições, cumprindo rotinas burocráticas, sem receber instrução e distanciada dos oficiais que, em sua maioria, dedicavam-se

a atividades outras que não as lides castrenses.

O equipamento e armamento eram das mais variadas procedências, importados como quase todos os produtos essenciais em nosso país.

Como bem disse o Gen Octávio Costa em sua obra, "éramos uma nação sem motivação psicológica consistente e duradoura, sem confiança em si mesma...", e nós nos permitiríamos crescer que a nossa Força terrestre apegada, estagnada e desmotivada, era um Exército sem alma.

O Período Entre-guerras

Côncios da necessidade de mudanças radicais na estrutura e mentalidade da nossa força terrestre, devolvendo-lhe uma operacionalidade compatível com os padrões da época, o lúcido Min Pandiá Calógeras e outros chefes de visão, iriam orientar para o exterior, a busca do auxílio necessário.

Os progressos alcançados por outros exércitos continentais, como Chile e Argentina, valendo-se de instrutores alemães, a evolução dos padrões e modelos bélicos que ensaiavam seus primeiros passos no pós-guerra, as necessidades requeridas para a segurança nacional, iriam reforçar esse impulso para a atualização do Exército.

A vitória dos países aliados na Grande Guerra consagrou o prestígio militar da França, e, os fortes laços culturais e de amizade que uniam nossos países, aplainaram as gestões para a contratação de uma missão Militar Francesa (MMF) para o Exército Brasileiro (EB).

A Evolução do Exército Brasileiro

A MMF, cujo primeiro chefe foi o Gen Gameli, teve o mérito de iniciar o complexo trabalho de reformar uma força militar, modificando padrões, alterando estruturas, influenciando mentalidades e comportamentos, visando uma atualização para os padrões da época.

Apesar da velada oposição que recebeu dos germanófilos,¹³ dos tíbios e imobilistas, a missão estrangeira, alicerçada na experiência de combate vitorioso que trazia, teve grande receptividade entre os oficiais mais jovens. E, resumidamente, podemos enumerar as áreas de incidência em que a MMF teve ativa participação, trazendo reflexos nos índices de desempenho da força terrestre nacional:

- modificação dos padrões e rotinas de trabalho;
- adoção de novos métodos e processos de ensino e instrução;
- influência na mentalidade do militar brasileiro;
- influência na cultura geral e profissional do militar brasileiro;
- influência no relacionamento entre os militares nas OM, Escolas e Estados-Maiores;
- modificações na organização do ensino militar, na instrução militar, no adestramento da tropa e na estrutura de comando e administrativa em tempo de paz;
- criação da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais;
- despertar do interesse de militares para o estudo de problemas brasileiros com vistas a ampliação do poder nacional;

— influência no pensamento militar, com concepções nitidamente defensivas.

CONCLUSÃO

O caráter de nação essencialmente agrícola, monocultura, desmotivada, sócio-culturamente atrasada, abrigando uma população de índole pacifista e contemplativa, conferiam ao Brasil uma posição inexpressiva no concerto das nações no período entre as duas guerras mundiais. E, as consequências negativas dessa herança imperial, traduziam-se em todos os campos do Poder Nacional, particularmente, no Militar.

O mundo sofria transformações, de forma acelerada e irreversível; os recursos da Revolução Industrial encurtavam as distâncias, ampliavam interesses e não mais permitiam ao nosso país adotar uma postura de isolamento à evolução em curso.

"Somente o forte tem condições de arbitrar ou manter a neutralidade", e foi preciso encetar medidas de base para reorganizar e reeducar nosso Exército, conferindo-lhe posição de expressão militar à altura dos interesses e aspirações nacionais.

Desta forma, a evolução da arte da guerra e do pensamento militar no período entre as duas guerras mundiais trariam seus reflexos à força terrestre brasileira, abrindo novos rumos para alicerçar uma doutrina genuinamente nacional e ambientada às Áreas Operacionais do Continente.

A Missão Militar Francesa colaborou, de forma insofismável, para

essa evolução, criando as condições para nivelar o conhecimento dos militares brasileiros com o que de mais moderno havia na doutrina. E o corolário natural desse impulso inovador-doutrinário seriam reflexos nos seguintes aspectos, dentre outros:

— na disciplina militar e coesão do Exército, que readquiriria uma consciência profissional;

— no estudo de questões nacionais e pesquisas, levadas a termo pelo EME, CSN e ESG, ante a necessidade de levantamentos para emprego de todas as potencialidades da nação, impositivas à guerra total;

— elaboração de Hipóteses de Guerra, Doutrina de Segurança Nacional, Planos de Mobilização, Transporte, Concentração e Operações;

— no pensamento militar profissional, equidistante dos temas político e partidário, inteiramente voltado à atividade-fim e destinação constitucional do Exército.

Foi um longo e estafante caminho, ainda em descompasso com o rumo empreendido pelos exércitos mais modernos, pois a doutrina gaulesa era fortemente impregnada de conceitos defensivos, incompatíveis com a modernização exigida.

Porém, foi o primeiro passo, firme e decidido na fuga ao obsoleto, na afirmação de novos valores que, semeados em campo fértil, iriam florescer no âmago das novas gerações, traduzindo-se no fortalecimento do vetor militar da Nação Brasileira.

ANEXO A

PERDAS MATERIAIS DA 1ª GUERRA MUNDIAL

Alemanha	22% da riqueza nacional Perdas territoriais Perda de todas as colônias
Áustria-Hungria	87% das reservas de ouro Perdas territoriais Desmembramento do Império
EUA	9% da riqueza nacional
França	30% da riqueza nacional 50% das reservas de ouro
Inglaterra	32% da riqueza nacional
Itália	26% da riqueza nacional 50% das reservas de ouro

Fonte: 1ª Guerra Mundial — 1977 — Cel Inf QEMA José Edenizar Tavares de Almeida (ECEME).

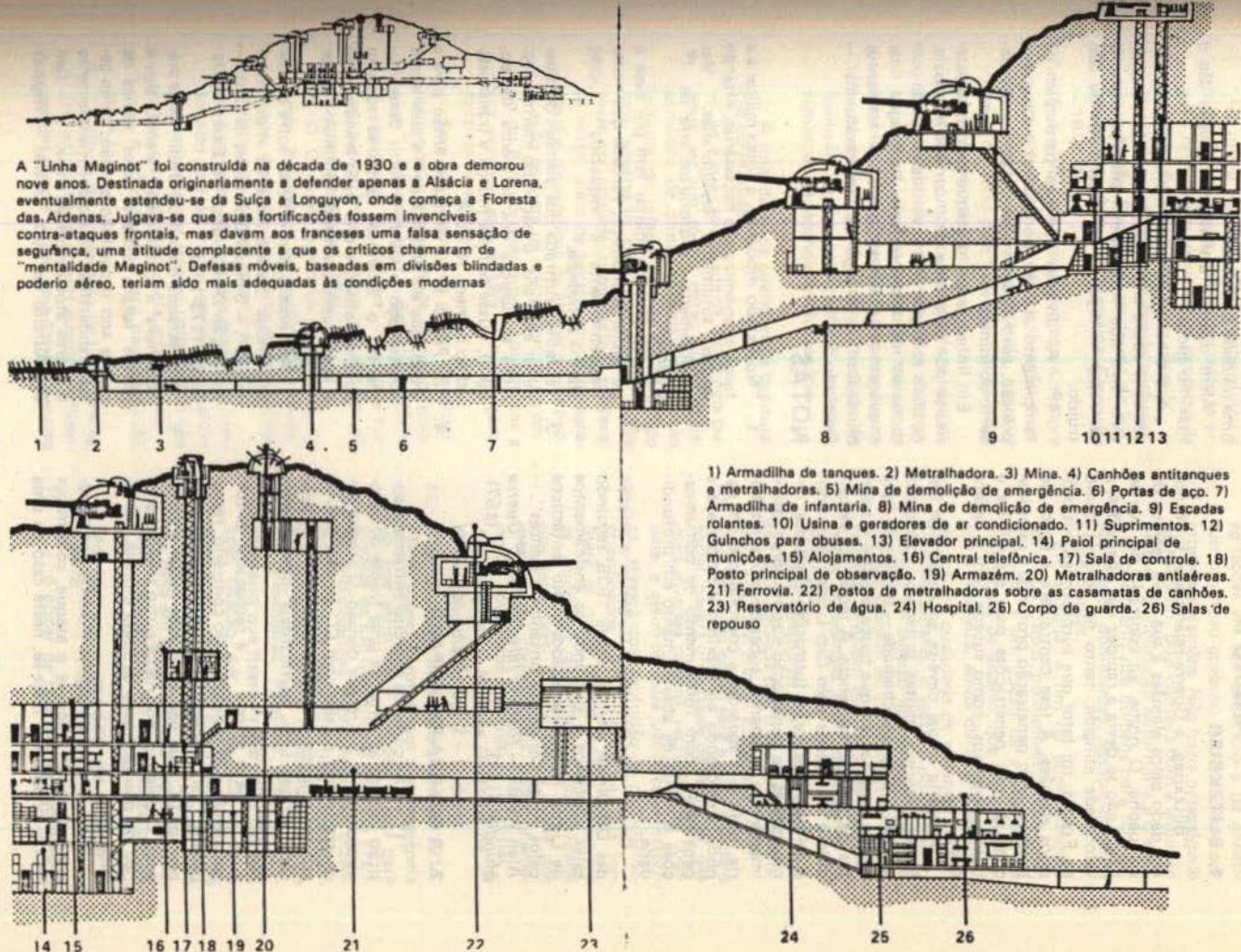
ANEXO B

Perdas Humanas Civas e Militares da 1ª Guerra Mundial

	Países	Mortos	Homens entre 15 e 50 anos %
Impérios Centrais	Alemanha	1.900.000	12
	Áustria-Hungria	1.000.000	
	Bulgária	100.000	
	Turquia	400.000	
Aliados	Bélgica	100.000	0,5
	Canadá	52.000	
	EUA	114.000	
	França	1.390.000	
	Grã-Bretanha	780.000	6
	Grécia	12.000	
	Índia	100.000	14
	Itália	496.000	
	Nova Zelândia	16.000	
	Portugal	8.000	
	Romênia	158.000	
	Rússia	1.700.000	
	Sérvia	400.000	

Fonte: *Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse* 1980 — Rio de Janeiro (Editora Larousse do Brasil Ltda.).

A "Linha Maginot" foi construída na década de 1930 e a obra demorou nove anos. Destinada originalmente a defender apenas a Alsácia e Lorena, eventualmente estendeu-se da Suíça a Longuyon, onde começa a Floresta das Ardenas. Julgava-se que suas fortificações fossem invencíveis contra ataques frontais, mas davam aos franceses uma falsa sensação de segurança, uma atitude complacente a que os críticos chamaram de "mentalidade Maginot". Defesas móveis, baseadas em divisões blindadas e poderio aéreo, teriam sido mais adequadas às condições modernas



- 1) Armadilha de tanques. 2) Metralhadora. 3) Mina. 4) Canhões antitanques e metralhadoras. 5) Mina de demolição de emergência. 6) Portas de aço. 7) Armadilha de infantaria. 8) Mina de demolição de emergência. 9) Escadas rolantes. 10) Usina e geradores de ar condicionado. 11) Suprimentos. 12) Guinchos para obuses. 13) Elevador principal. 14) Paio principal de munições. 15) Alojamentos. 16) Central telefônica. 17) Sala de controle. 18) Posto principal de observação. 19) Armazém. 20) Metralhadoras anti-aéreas. 21) Ferrovia. 22) Postos de metralhadoras sobre as casamatas de canhões. 23) Reservatório de água. 24) Hospital. 25) Corpo de guarda. 26) Salas de repouso

ANEXO C

ANEXO D

1. BLITZKRIEG

"Blitzkrieg, a Guerra-relâmpago, foi o nome dado pelos alemães à sua nova técnica de campanha. O nome, ao contrário do que se julga, não se devia à rapidez das operações; a velocidade atingida, tanto na Polônia como na França, foi fator que surpreendeu aos próprios alemães. A tese central era a busca de brechas, com penetração profunda e ramificações de tais penetrações para estendê-las e buscar objetivos, como sucede com o relâmpago.

A teoria inicial deve-se ao então Ten Cel Fuller, teórico militar britânico, imaginada em 1917, e por ele chamada — técnica da água que se espalha — e que busca brechas e trajetos de menor resistência. A teoria foi expandida e codificada pelo Cap Liddel Hart, com a aplicação de fortes formações blindadas, como cunhas de penetração e apoio aéreo tático imediato e constante, substituindo a artilharia, tudo sem aguardar a consolidação dos ganhos, explorando ao máximo e surpresa e a penetração, com rompimento de comunicações e linhas de abastecimento em profundidade.

Coube ao Gen Heinz Guderian a criação das DB-Panzer alemãs, desde 1935, seguindo estes conceitos e aplicando os ensinamentos de Liddel Hart, desprezados como fantásticos pelos Altos Comandos britânico e francês". — Alan Wykes — *História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial* (157). (157).

2. A GUERRA-RELÂMPAGO

"1º — Um corpo de exército enfrenta a posição inimiga ao largo de uma frente de aproximadamente 3 Km por divisão. O ataque pode ser levado a cabo com CC ou sem eles. A artilharia nunca oferece grande apoio. A aviação, por seu lado, bombardeia intensamente as linhas inimigas.

2º — Se o ataque... é rechaçado, as forças alemãs não insistem; pelo contrário, retrocedem. Tal procedimento compreende também o CC, que não procuram forçar a passagem. O objetivo, que não é outro senão descobrir os pontos fracos da linha inimiga, foi alcançado.

3º — Depois de alguns movimentos de reconhecimento, inicia-se o ataque, com meios muito poderosos; trata-se, neste caso de uma

DB ou Divisão Ligeira, apoiada por carros ou uma unidade de carros.

Além disso, a artilharia e aviação dão o máximo apoio.

A artilharia, principalmente, dispara não somente sobre alvos importantes, como qualquer alvo que puder afetar psicologicamente as tropas inimigas ao ser incendiado ou destruído.

4º — As divisões que não participam do rompimento atacam, por sua vez e ocupam a posição, aproveitando a confusão e o desconcerto do inimigo.

Em linhas gerais, o ataque alemão caracteriza-se por uma série de incursões de ensaio, às quais se segue uma investida realizada com todos os meios disponíveis. No ataque final empregam-se a fundo todos os elementos blindados." — *A Segunda Guerra Mundial* — Fascículo 1.

NOTAS

1. "No Estado moderno, a força militar e a força econômica são necessárias, estando ambas sutilmente equilibradas." Mar Montgomery — *História del arte de 1ª Guerra*.
 2. "... "O poderio militar tem por base o potencial econômico, verdade que muito frequentemente é esquecida". Liddel Hart — *Estratégia*.
 3. Tentativa frustrada dos alemães de disseminar em Paris, o bacilo do mormo, moléstia contagiosa dos solípedes (cavalo, asno), quase sempre mortal e transmissível ao homem. N. do A.
 4. "D. Pedro I... voltou-se então para a tropa, que ele amava e com a qual estava acostumado a viver: a partir desse momento, o Exército tornou-se suspeito ao Legislativo, e este tudo envidou para o enfraquecer, a fim de diminuir o poder imperial.
- Até nossos dias, o Brasil sofre as consequências dessa orientação impolítica e errada". — Samuel Guimarães da Costa — *Formação Democrática do Exército Brasileiro* (173-174).
5. "Nos estados do sul do Brasil, onde predominava a colonização alemã, alguns portos foram usados pelos navios de guerra sob o pavilhão alemão, como bases clandestinas para o aprovisionamento e outros atos de beligerância..." — Gen Ex Aurélio de Lyra Tavares — *Regards*

Sur 5 Siecles France-Bresil (82).

6. "No início, quando a Alemanha violou a neutralidade belga, um só protesto se ergueu no silêncio universal, o protesto da Câmara dos Deputados do Brasil". — Conferência de Maurice Barrès endereçada à Nação Brasileira, proferida na Sorbonne em 1918 — *Illustration Française* — 1918 (N. do T.)
7. "Sua tática de guerra começava sempre com um duplo D: desmoralização e desorganização. E, acima de tudo, a guerra devia ser feita pela sugestão por palavras ao invés de projéteis.

Assim como no passado fora usado o bombardeio de artilharia para esmagar as defesas inimigas antes do ataque da infantaria, no futuro seria empregado um bombardeio moral. Todos os tipos de munição seriam utilizados e, especialmente, a propaganda revolucionária.

A finalidade da guerra era a capitulação do inimigo.

Se a sua capacidade de resistência pudesse ser um modo desagradável e dispendioso de atingir o objetivo. A ação indireta de injetar germes no corpo do país adversário para contaminar a sua desse ser anulada, o morticínio tornava-se inútil, além de ser um modo desagradável e dispendioso de atingir o objetivo. A ação indireta de injetar germes no corpo do país adversário para contaminar a sua vontade apresentava melhores perspectivas de sucesso.

Essa era a teoria de guerra de Hitler, incluindo o emprego de armas psicológicas". — Liddel Hart — *Estratégia* (286).

8. A expressão "5ª Coluna" relativa a forças subterrâneas, deriva de evento da Guerra Espanhola (1936).

O General Francisco Franco ao investir Barcelona, em poder dos republicanos, declarou que cinco colunas nacionalistas convergiam sobre a cidade.

Corrigido por um dos presentes, lembrando que as tropas atacantes estavam enquadradas por quatro comandos e não cinco, o carismático chefe acrescentou:

- A 5ª coluna já está na cidade! (N. do A.)

9. "A título de preparação de sua ofensiva, (Hitler) procurou obter adeptos influentes nos outros países, que fossem capazes

de minar a sua resistência, de provocar agitações em seu benefício e de constituir um novo governo que atendessem aos interesses alemães. Não havia necessidade de suborno, pois contava com a ambição pessoal, a inclinação autoritária e o espírito partidário dos homens para recrutar, nas classes dominantes, agentes dóceis e inconscientes.

Em seguida, a fim de abrir caminho para suas tropas, no momento oportuno, planejou a infiltração de elementos de suas tropas de assalto, que deveriam cruzar a fronteira, ainda durante o período de paz, na qualidade de viajantes comerciais ou turistas, e vestir o uniforme do inimigo na ocasião apropriada; sua missão era sabotar as comunicações do adversário, divulgar boatos e, se possível, raptar os homens mais importantes do outro país.

Essa vanguarda disfarçada seria, por sua vez, apoiada por tropas pára-quedistas". — Liddel Hart — *Estratégia* (286).

10. "Eu vos direi como será a futura ordem social: haverá uma classe de senhores, das mais diversas origens, recrutada no combate, e assim terá sua justificação histórica. Haverá uma multidão de partidários, classificados hierarquicamente, que formará as novas classes médias. E haverá as multidões anônimas, a coletividade dos servidores. E, por fim, a classe dos estrangeiros conquistados, a que chamaremos modernos escravos. — A Hitler". Alan Wykes — *História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial* — Vol 2 — Líderes.
11. "Lembro que, durante a guerra de 1914-1918, sugeri a um oficial a conveniência de que assistisse a um dos cursos para oficiais de EM que tinham lugar na França. Ridicularizou minha sugestão, dizendo que o que realmente tinha importância na guerra era a experiência prática nas trincheiras. Falei-lhe então do comentário que fizera Frederico, o Grande, com relação aos oficiais que somente confiavam em sua experiência prática e desdenhavam o estudo, a saber: que ele tinha em seu exército 2 mulos que haviam passado por 40 campanhas, porém continuavam sendo mulos..." — Mar Montgomery — *História del Arte de la Guerra*.
12. "... o poder de fogo deu extraordinário

- vigor às fortificações improvisadas; ... o ataque só podia ocorrer em condições favoráveis, após a concentração de poderosos dispositivos materiais, artilharia, tanques, munição etc. ... quando os tanques tornavam mais fácil para a infantaria avançar, esmagando os obstáculos passivos e a resistência ativa oferecida pelo inimigo...". — *Instruções Provisórias Concernentes à Utilização Tática de Unidades Maiores* — EMG francês — 1921. (Pesquisa História para o EME/83 — AMAN).
13. Integrantes da "Missão Indígena", que, adestrados na Alemanha antes da Grande Guerra, difundiam suas idéias sem apoio oficial, não escondendo suas simpatias pela escola germânica. (N. do A.).

BIBLIOGRAFIA

1. ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS — 1979 — *História da Doutrina Militar* — Resende (AMAN).
2. ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS — 1979 — *Pensamentos do Campo de Batalha* — Resende (AMAN).
3. ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS — 1963 — Seção de Ensino A — Pesquisa Histórica para o EME — *A Missão Militar Francesa, Seus Reflexos na Doutrina e no Pensamento Militar Brasileiro* — Resende (AMAN).
4. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (Fascículo) — 1966 — *Brasil em Guerra* — Rio de Janeiro (Editora Codex Ltda.).
5. BRANCO, Ten Cel Manoel Thomaz Castello — 1960 — *O Brasil na II Grande Guerra* — Rio de Janeiro (Biblioteca do Exército — Editora).
6. COSTA, Samuel Guimarães da — 1957 — *Formação Democrática do Exército Brasileiro* — Rio de Janeiro (Biblioteca do Exército — Editora).
7. ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO — 1983 — 10/0102 *A Psicologia Social, O Moral Nacional e O Moral Militar* — Rio de Janeiro (ECEME).
8. ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO — 1983 — 07/0301 *Método de Pesquisa Histórica* — Rio de Janeiro (ECEME).
9. ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO — 1983 — 07/0101 *Evolução da Arte da Guerra e do Pensamento Militar* — Rio de Janeiro (ECEME).
10. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO — 1972 — *História do Exército Brasileiro* — Brasília (SGEx).
11. FULLER, John Frederick Charles — 1966 — *A Conduta de Guerra* — Rio de Janeiro (Biblioteca do Exército — Editora).
12. HART, Basil Henry Liddel — 1966 — *Estratégia* — Rio de Janeiro (Biblioteca do Exército — Editora).
13. MACKSEY, Kenneth — 1974 — *Blindados Aliados — História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial* — Armas Vol 15 — Rio de Janeiro — Editora Renes Ltda.).
14. MAGALHÃES, Cel Ex J.B. — 1958 — *Civilização, Guerra e Chefes Militares* — Rio de Janeiro (Biblioteca do Exército — Editora).
15. MONTGOMERY, Marechal-de-Campo Sir Bernard Law — 1969 — *Historia del Arte de la Guerra* — Madrid, España (Aguillar, S.A. de Ediciones).
16. PALHA, Américo — 1962 — *Soldados e Marinheiros do Brasil* — Rio de Janeiro (Biblioteca do Exército — Editora).
17. SANTOS, Ten Cel Francisco Ruas — 1960 — *Arte da Guerra* — Resende (AMAN).
18. TAVARES, Gen Ex Aurélio de Lyra — 1973 — *Regards sur 5 Siecles France-Brasil* — Paris (Agence de Communication Internationale).
19. TAVARES, Gen Ex Aurélio de Lyra — 1976 — *O Brasil de Minha Geração* — Rio de Janeiro (Biblioteca do Exército — Editora).
20. WILLIAMS, John — 1974 — *França 1940, a Catástrofe — História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial* — Campanhas Vol 1 — Rio de Janeiro (Editora Renes Ltda.).
21. WYKES, Alan — 1974 — *Hitler — História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial* — Líderes Vol 2 — Rio de Janeiro (Editora Renes Ltda.).

O Maj Inf. Sergio Kencis Mold, da Turma de 1964 da AMAN, tem os cursos da EsAQ e de Comando e Estado-Maior da ECEME.